

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NAS SÉRIES INICIAIS
DO ENSINO FUNDAMENTAL

IRLA SORAIA DE MORAIS

IRLA SORAIA DE MORAIS

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NAS SÉRIES INICIAIS
DO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho monográfico apresentado a
disciplina Estágio Supervisionado em
Docência como requisito parcial para
conclusão de curso.

Orientadora: Prof^ª. Ms. Débia Suênia da Silva Sousa

CAJAZEIRAS - PB
DEZEMBRO – 2010



M827d Moraes, Irla Soraia de.
Dificuldades de aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental / Irla Soraia de Moraes.- Cajazeiras, 2010.
35f.: il.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2010.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Psicologia educacional. 2. Dificuldades de aprendizagem. 3. Ensino fundamental - séries iniciais. I. Sousa, Débá Suênia da Silva. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 37.015.3

Ao meu pai LEONILTON FERREIRA LEITE (in memória) pelo imenso amor e carinho que foi construído ao longo da vida em nossa relação o qual posso classificar como algo insubstituível e ímpar.

A José Airton Vicente (Dailton) pelo carinho e força no término desse estudo, participando e me apoiando na reta final de concretização desse sonho.

A Das Neves pelo apoio e disponibilidade para me ajudar sempre que precisei.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por está viva e com saúde para concluir esse curso, dando-me força a cada novo obstáculo apresentado pela vida.

Aos meus familiares, e de forma especial, a minha mãe Maria Ferreira de Moraes e meu irmão Marcus Vinícius de Moraes por terem me apoiado nessa caminhada, não me deixando desanimar com prova de amor e confiança.

A professora Ms. Débia Suênia da Silva de Sousa por ter me orientado com capacidade e muita responsabilidade.

A Elânia Cristina Soares de Abreu

- Graduação em Letras pela UFCG

- Pós-Graduação em Educação Profissional pela UFPB

Excluem-se da escola os que não conseguem aprender, excluem-se do mercado de trabalho os que não têm capacidade técnica porque antes não aprenderam a ler escrever e contar e excluem-se, finalmente, do exercício da cidadania esses mesmos cidadãos, porque não conhecem os valores morais e políticos que fundam a vida de uma sociedade livre, democrática e participativa.

BARRETO.

RESUMO

Esse trabalho analisa as reflexões decorrentes de um estudo sobre as dificuldades de aprendizagens nas séries iniciais do ensino fundamental. O objetivo desse estudo é mostrar que o contexto escolar deve ser voltado às mudanças que ocorrem através das transmissões do conhecimento e questionando assim todos os elementos necessários diante dos questionamentos sobre o ensinar e o aprender. Partiu-se de uma pesquisa qualitativa, utilizando como instrumento para coleta de dados entrevistas e observações, além do portfólio e o diário de campo, como fontes de pesquisa documental. Nessa perspectiva, os resultados extraídos contribuem de forma direta para a compreensão de questionamentos ligados a aprendizagem de maneira que possibilite a concretização das mudanças na vivência escolar. Nesse sentido a relação professor- aluno é uma realidade que se torna um aspecto central de elementos que influenciam nas dificuldades contidas na aprendizagem das séries iniciais. Portanto, a temática visa compreender a prática educacional, como ponto primordial do processo de ensino/aprendizagem para obter uma interação entre o docente e o discente.

Palavras- chaves: Aprendizagem. Educando. Ensino. Dificuldades.

ABSTRACT

This work analyzes the reflections resulting from a study on the difficulties of learning in initial grades of basic education. This study is to show that the school context must be returned to the changes that occurs through the transmission of knowledge and questioning all the necessary elements in the face of the research on teaching and learning. Left-is a qualitative research, using as an instrument for data collection interview observation, in addition to the portfolio and the field diary, as sources of documental research. From this perspective the results extracted contribute directly to the comprehension of questions linked to learn that allows the implementation of the changes in school experience. In this sense the prof- student is a reality that becomes a key aspect of elements that influence the difficulties contained in learning from the initial series. Therefore, the theme aims to understand educational practice as crucial point of the teaching process learning to obtain an interaction between the teacher and students.

Key Words: Learning, Student. Education. Difficulties.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I – METODOLOGIA DO ESTUDO	10
1.1. Tipo de pesquisa	11
1.2. Sujeito e local da pesquisa	12
1.3. Instrumento de coleta de dados	12
1.4. Abordagem qualitativa e quantitativa	14
CAPÍTULO II – DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM	15
2.1. Os educandos e as dificuldades de aprendizagem	16
2.2. Por que as crianças apresentam dificuldades de aprendizagem?	17
2.3. Dificuldades de aprendizagem e o fracasso escolar	19
CAPÍTULO III – REFLETINDO SOBRE AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA SALA DE AULA	21
3.1. O Educando e a sala de aula como se dá essa relação	22
CAPÍTULO IV – ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A VIVÊNCIA ESCOLAR	26
4.1. Contribuições da disciplina do Estágio Supervisionado em Docência para a minha vida acadêmica e profissional	27
4.2. Contribuições das atividades apresentadas no estágio supervisionado	27
4.3. Interação dos alunos no estágio supervisionado	30

CONCLUSÃO _____ 33

REFERÊNCIAS _____ 35

INTRODUÇÃO

As dificuldades de aprendizagem se fazem presentes no dia-a-dia de muitos educandos. Sabe-se que no mundo informatizado em que vivemos, ser educador é construir cada vez mais conhecimentos e que essa construção deve possibilitar meios que motivem os educandos a fazer parte da construção do conhecimento e sentir-se capaz de aprender.

A temática dificuldade de aprendizagem nas séries iniciais foi escolhida em função da necessidade de compreender como se dá o processo de aprendizagem, bem como as dificuldades apresentadas pelos educandos nas séries iniciais do ensino fundamental.

Assim torna-se importante ver como a E.M.E.I.F. José Dias Guarita, onde iniciei os trabalhos e a E.M.E.I. F Monteiro Dias, ambas localizadas no município de Monte Horebe – PB, conceberam aos seus educandos essa prática de desenvolvimento da aprendizagem. Uma vez que, como educadores percebemos que existe uma grande dificuldade por parte dos educandos em compreender e aplicar em suas vivências o valor dos conteúdos apresentados e explorados em sala de aula.

Na esteira da orientação e da prática do ensino infantil, compreende-se que um dos meios para que as crianças possam desempenhar sua capacidade de criar e atuar na sala de aula é necessário que haja riqueza e diversidade de atividades que lhes são apresentadas pelos educadores.

É certo que o processo de aprendizagem é um problema real e presente que atinge a grande maioria dos alunos. Essa aprendizagem deve acontecer como instrumento fundamental voltada para a realidade vivenciada por cada educando, possibilitando que os mesmos sejam agentes transformadores de si próprios.

Nesse sentido, a prática pedagógica tendo em vista tal situação deve possibilitar o desenvolvimento pessoal persistindo assim, a curto e longo prazo, a aquisição de conhecimentos, conceitos e informações que devem está presentes na vida estudantil. Essa aprendizagem deve buscar alternativas para tornar esse educando capaz de atuar na sociedade com dignidade e competência, superando assim os obstáculos da vida cotidiana.

Os campos da aprendizagem são muitos e não se limitam apenas ao ambiente escolar. Sendo assim o trabalho tem como problemática – Como entender as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos educandos na apreensão e utilização dos conteúdos apresentados pelo educador na sala de aula? – ainda nessa perspectiva em relação ao estágio queremos analisar a temática

como o professor pode atuar na sala de aula para assim possibilitar aos educandos interação e competência de agir e reagir ao realizar as tarefas escolares?

Esse trabalho possui uma ampla importância em nossa vida acadêmica, pois nos permitiu buscar subsídios teóricos e metodológicos, propondo assim maiores conhecimentos sobre as dificuldades de aprendizagem enfrentadas pelos educandos nas séries iniciais.

Depois desse estudo acreditamos na possibilidade de contribuir para uma melhor relação entre escola, aluno e professor proporcionando o acesso de novos conhecimentos, discutindo novas alternativas de trabalho que preparem o educando para enfrentar, ou mesmo vencer desafios, visando uma sociedade mais justa e igualitária.

Estruturalmente esta monografia está dividida em quatro capítulos, seguidos de conclusão e referências.

O capítulo I aborda o processo metodológico, o tipo de pesquisa, sujeitos e local da pesquisa, bem como os elementos e os instrumentos de coleta de dados.

No capítulo II apresenta reflexões decorrentes de um estudo sobre as dificuldades de aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental. Assim, descrevemos sobre: Os educandos e as dificuldades de aprendizagens, procurando analisar a problemática da má atuação dos educandos no desenvolvimento das atividades diárias na escola, o que os leva a serem tão desinteressados e o que pode ser feito pelos educadores na perspectiva de trazer os alunos para a escola com mais determinação em aprender. Ainda fazemos uma relação entre dificuldades de aprendizagem e o fracasso escolar, que nos permitiu afirmar que essas dificuldades estão interligadas e entre elas o educador deve ver que o sujeito é constituído na interação com o meio e que desse meio ele precisa para se desenvolver como pessoa.

Já o capítulo III ressalta o porquê da sala de aula ter o maior tempo de interação do indivíduo no qual, o mesmo refleti, estuda deixando evidente a sua origem social. Nesse aspecto, este ambiente escolar possibilita o aluno pensar sobre suas dificuldade de ensino/ aprendizagem.

Enquanto que no capítulo IV analisamos os procedimentos da prática de ensino do professor no estágio supervisionado e ainda os desenvolvimentos de suas atividades pedagógicas vivenciadas na sala de aula. Pois percebemos que a partir de uma prática pedagógica que apresenta como objetivo a qualidade do ensino para a formação de sujeitos críticos e conscientes.

CAPÍTULO I

1. METODOLOGIA DO ESTUDO

Nesse capítulo apresentamos os processos metodológicos que utilizamos no decorrer do estudo da temática: Dificuldade de aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental. Definindo o tipo de pesquisa realizada, apresentando os sujeitos e o local da pesquisa, bem como os instrumentos de coleta de dados utilizados como o portfólio, constituído pelos planos de aula e um diário de campo, constituindo conhecimentos a partir do acúmulo de experiências vivenciadas no estágio supervisionado em docência.

1.1 Tipo de pesquisa

A pesquisa é uma busca minuciosa por informações sobre um determinado campo de conhecimento. Portanto, é através dela que ficamos em contato direto com o objeto em que estamos pesquisando. Nela produzimos e adquirimos conhecimentos.

O referido estudo se trata de uma pesquisa de caráter descritivo e qualitativo, pois visa na sua decorrência conhecer, aprender e analisar todos os elementos que fazem parte de um processo de ação com a educação. Nesse sentido, Cecília diz que:

Para muitas pesquisas a história de vida tem tudo para ser um ponto inicial privilegiado porque permite ao informante retomar sua vivência de forma retrospectiva, com uma exaustiva interpretação. (1994, p. 59).

A pesquisa pode ser considerada um ponto primordial na realização de um trabalho, no qual a mesma traz no seu contexto informações que utilizamos de forma simples e natural para contextualizar resultados em nossos estudos. O pesquisador pode expressar ideias e experiências vivenciadas pelo professor e os alunos em sala de aula, principalmente fatos vivenciando as dificuldades de aprendizagem que é o eixo em destaque neste trabalho.

Nesse sentido, Severino afirma que:

Pesquisas são procedimentos operacionais que servem de mediação prática para a realização de um trabalho. Como tais podem ser utilizados mediante diferentes metodologias. Mas, obviamente, precisam ser compatíveis com os métodos adotados e com os paradigmas epistemológicos adotados. (2002, p.124).

Nesse sentido, a pesquisa se torna um elemento fundamental para trabalhos que devem ser estruturados através de questionamentos e a prática educacional, nos levando a discutir o problema a ser destacado nas escolas, relacionado a alunos e professores com a realização de um trabalho efetivo voltado para a problemática.

1.2 Sujeitos e local da pesquisa

O trabalho foi realizado, inicialmente na EMEIF. José Dias Guarita, localizada no município de Monte Horebe – PB. A mesma possui uma estrutura razoável, pois percebemos que sua estrutura física deveria passar por uma reforma significativa. Isso porque entendemos que o corpo docente e seu funcionamento estão em pleno vigor com uma equipe de professores, que na sua maioria, possuem graduação e estão sempre abertos as propostas da escola, no âmbito de melhorar o ensino e superar os obstáculos apresentados pelos alunos na vivência de seus problemas cotidianos fora da escola.

A escola dispõe de aparelhos tecnológicos para execução de suas atividades diárias e em sala de aula, entretanto, é visível o problema do espaço físico.

Os sujeitos da pesquisa foram os alunos do 4º ano. A turma conta com apenas 15 alunos sendo formada por um número maior de meninos do que meninas todos de comportamento e classe social semelhantes. Assim, tais alunos são resistentes em alguns pontos e relevantes em outros, o que tornou o trabalho um pouco difícil, mas ao mesmo tempo desafiador.

O segundo momento da pesquisa, que tratou da realização do Estágio Supervisionado em Docência, ocorreu na EMEIF. Monteiro Dias, localizada no Sítio Boa Vista, no município de Monte Horebe – PB, também numa turma de 4º ano, com características semelhantes as citadas na turma da escola anterior.

1.3 Instrumentos de coleta de dados

A observação foi um dos instrumentos privilegiado na pesquisa. Assim, o trabalho de observação realizado na EMEIF José Dias Guarita foi uma etapa de muita relevância no trabalho de observação. Isso porque através dela, pode-se de forma direta analisar e manter um bom relacionamento com todo o corpo discente e docente da escola.

Durante o período de observação os educandos mantiveram a interação rotineira, Nesse sentido, mostraram-se atentos e dispostos a colaborarem com o nosso trabalho.

Já a entrevista foi realizada da seguinte forma: selecionamos os nomes dos alunos em pequenos papéis, e entre eles foram retirados três nomes que foram pronunciados em voz alta pela pessoa que sorteou. em seguida a entrevista foi realizada, individualmente, observamos, há princípio, momentos de tensão, mas logo após a descontração tornou-se visível.

Utilizamos a entrevista semiestruturada, uma vez que a mesma permite um intercâmbio de comunicação e isso faz com que o pesquisador tenha uma inter-relação, podendo a partir do roteiro escolhido, acrescentar alterações e partir dos questionamentos ou respostas dos

entrevistados a fim de obter uma resposta com uma maior qualidade e um melhor entendimento para orientação, da problematização enfocada.

No momento da entrevista, de forma individual foram levantadas questões sobre:

- Quais são as dificuldades que você encontra na sala de aula?
- Você consegue aprender o que sua professora ensina?
- Quando você não aprende o conteúdo de quem você acha que é a responsabilidade?

Os mesmos se mostraram inicialmente tímidos, ao perceber isso, procuramos ser o mais simples possível, na intenção de alcançar gradativamente e, que no mínimo, fosse agradável, aquele contato. Essa troca de saberes foi possível, o tão esperado diálogo foi acontecendo, mesmo as respostas sendo breves, foi possível despertar questionamentos o sentido das perguntas, quando questionamos sobre:

- Qual a matéria você mais gosta?
- Como é o seu relacionamento com o professor?
- A escola atende suas necessidades de saberes?

Ao final das entrevistas os educandos conseguiram contribuir para o trabalho, não se omitindo a participar das entrevistas e ao mesmo tempo em que respondiam, chamavam atenção para a maneira simples e direta de responder os questionamentos.

Assim, na entrevista procurou-se analisar o nível de conhecimento dos educandos sobre a problemática abordada, uma vez que a entrevista contou com questões subjetivas para assim obter opiniões mais precisas sobre o assunto exposto.

Nesse sentido, Marconi afirma: “Por ser a entrevista um intercâmbio de comunicação é importante ter presente toda uma série de aspectos que tornam eficaz a inter-relação, a fim de obter um testemunho de maior qualidade”. (2009, p.278).

Nesse sentido, a observação e a entrevista ajudaram significativamente para obter as informações necessárias sobre a temática abordada, facilitando assim o entendimento da mesma.

Também foi utilizado na coleta de dados fontes documentais construídas, para e durante, a vivência do Estágio Supervisionado em Docência, ou seja, um portfólio constituído com os planos de aula e atividades realizadas durante o processo e um diário de campo.

Com base em Minayo (1992), concebemos campo de pesquisa como o recorte que o pesquisador faz em termos de espaço, representando uma realidade empírica a ser estudada a partir das concepções teóricas que fundamentam o objeto da investigação. (p.53)

No campo da pesquisa as fontes são de grande relevância no desenvolvimento desse trabalho e funcionam como parte fundamental para a realização de tal estudo, pois é através dele que o trabalho se torna muito mais real e as informações bem mais precisas na sua compreensão.

1.4 Abordagem qualitativa e quantitativa

Segundo a natureza dos dados a abordagem da pesquisa tanto é qualitativa quanto a quantitativa.

Dispondo das duas abordagens, entretanto privilegiando a metodologia qualitativa, porque permite analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Essa metodologia pode nos fornecer uma análise mais detalhada sobre as investigações, ajudando-nos a entender melhor o que faz o educando, mediante as dificuldades de aprendizagem, aprenderem com seus hábitos, atitudes, tendências e comportamentos.

CAPÍTULO II

2. DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Neste capítulo apresentamos reflexões sobre as relações entre os educandos e as dificuldades de aprendizagem no cotidiano da sala de aula, e o Porquê das crianças apresentarem essas dificuldades, diante do fracasso escolar, unindo assim, o objeto de estudo e seguindo as instruções de vários autores que foi primordial na construção da fundamentação teórica desse trabalho.

2.1 Os educandos e as dificuldades de aprendizagem

Para falar sobre o processo de dificuldades na aprendizagem, precisamos estar comprometidos com a construção do conhecimento, o qual permite também um compromisso com as lutas pelas transformações da sociedade atual.

Nessa perspectiva, o aluno é o principal agente desse processo, sendo assim ele poderá entender para que serve cada conteúdo e exercer a função de escolha no uso desse aprendizado. Caso contrário à construção do conhecimento “passa” despercebido na vida do aluno, ou seja, não vai ter nenhum significado.

Parte-se do princípio de que os seres humanos são capazes de desenvolver o conhecimento e dentro dessa capacidade o educando se depara com as dificuldades, isto é, pode se estabelecer uma relação de aprendizagem que desenvolva uma adaptação ao conteúdo a ser explorado pelo educando. E essa adaptação é incentivada quando trabalhamos de forma direta trazendo para o âmbito escolar assuntos que estão presentes na vida cotidiana do educando.

Nesse sentido, Drouet afirma que: “A aprendizagem é gradual, isto é, vamos aprendendo pouco a pouco, durante toda a nossa vida. Portanto ela é um processo constante e contínuo”. (1999, p.08).

Assim, entende-se que as dificuldades de aprendizagem na verdade estão relacionadas aos obstáculos didáticos existentes, nos quais o educador não busca contextualizar os conteúdos ao mesmo tempo em que os torna “fechados” ao interesse individual do educando.

O papel da educação na vida escolar dos educandos é o de exatamente integrá-los de forma simples e prazerosa para assim garantir a criação de aptidões que possibilitem o acesso ao desenvolvimento de experiências acumuladas.

Nessa perspectiva, recorre-se à Dilts quando afirma: “se não conseguirmos nos identificar com aquilo que estamos aprendendo, a aprendizagem pode transformar-se num tremendo esforço”. (1999, p.29).

Nesse sentido, observa-se que as dificuldades de aprendizagem iniciam-se de forma concreta nas séries iniciais e se estendem até outras etapas do ensino. Isso porque, na maioria das vezes, os educadores se prendem a métodos conservadores e acabam induzindo os educandos a ver conteúdos como: definições, exemplos e resoluções, assim priorizando em muitos casos a mecanização. Com isso, os educadores limitam a aprendizagem do educando e o projetam para determinada finalidade remetidas aquele momento.

Mas afinal, como surgem as dificuldades de aprendizagem? Na verdade o que mais caracteriza as dificuldades de aprendizagem é um conjunto de obstáculos que se destacam na escola e na vida do educando a partir da sua infância nas series iniciais, sendo conhecidas como obstáculos didáticos aplicados pelos educadores e na vida social onde os meios de comunicação contribuem de forma negativa para a concretização do conhecimento.

Ainda nesse sentido, Drouet afirma: “Para que seja capaz de aprender a criança deve apresentar um bom estado físico geral, isto é, deve estar gozando de boa saúde com seu sistema nervoso e todos os órgãos dos sentidos funcionando muito bem”. (1999, p.09).

Apesar de tanta modernidade e evolução na educação, é visto que a maioria das escolas tem como modelo uma pedagogia tradicional, na qual se faz necessário destacar uma temática bastante complexa que são as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos educandos. Isso se dá na sua grande maioria devido a vários fatores da vida de cada um. Dessa forma, a escola deve se parar para tentar entender a vida desse educando fora da escola, para assim, poder suprir esse espaço da melhor maneira possível. Portanto, não será a escola “sozinha” que vai resolver esse problema, porém vai enfrentá-lo de forma mais precisa, uma vez que, vai está mais integrada à vida particular e grupal desse educando. Nesse sentido é necessária a escola está preparada para atuar de forma positiva e espontânea na perspectiva de trabalhar esse ser e conseguir fazê-lo atuar na vida social particular e em grupo.

2.2. Por que as crianças apresentam dificuldades de aprendizagem?

Antigamente acreditava-se que as crianças aprendiam apenas recebendo informações de um professor. Ele explicava, ditava regras e a criança ouvia, copiava, decorava e deveria aprender. Quando isso não acontecia culpava a criança de desatenta elaborando assim, um conceito que não deve ser feito jamais.

Contudo, fica clara a idéia de que esse conhecimento é precário e antigo e dessa maneira, a compreensão daquilo que se aprende costuma ser bem pequena, isso porque receber informações de um professor não é suficiente para que o aluno aprenda com compreensão. Nesse caso a criança fica totalmente passiva, ou seja, não pensa com a própria cabeça. O aprendizado deve-se dá de forma exploratória onde a criança seja o sujeito agente de seu conhecimento, podendo assim explorar as coisas do mundo, possibilitando a mesma, ser capaz de pensar e compreender. Nesse sentido, Dilts afirma: “uma pressuposição muito importante da aprendizagem é a de que ela é um processo com múltiplos níveis”. (1999, p. 25).

A importância do aprender escolar é fundamental no desenvolvimento da criança. E esse aprendizado deve ter a finalidade de deixar a criança mais espontânea, criativa e desinibida para assim não prejudicar o desenvolvimento cognitivo da mesma.

Sabe-se que esse é um processo complexo, no qual, estão incluídas três variáveis importantes: aluno, professor, organização curricular e outros fatores que podem contribuir para a realização de um aprendizado mais real. Partindo da realidade atual, o quadro estudantil nos mostra que os alunos são diferentes, tanto em suas capacidades, quanto em suas motivações, interesses, ritmos de evolução, estilo de aprendizagem, entendemos que todas as dificuldades de aprendizagem são relativas e para sua maior compreensão é extremamente necessário colocar o acento no próprio processo interação ensino/aprendizagem.

Para os educadores a melhor saída, é aprimorar as aulas sempre lembrando que algumas atitudes simples podem mudar a dinâmica das aulas.

Se direcionando a essa base, Dilts afirma:

Aprendemos por meio dos sentidos —aprendemos vendo, ouvindo, sentindo coisas, aprendemos até mesmo cheirando e provando, apesar de na maior parte do tempo alguns desses sentidos sejam esquecidos pela educação tradicional (1999, p. 24).

Para que a aprendizagem aconteça é necessário assumir com todos os conhecimentos, com toda dedicação os princípios da normalização e individualização do ensino, optando pela compreensão dos níveis da exclusão dos educandos. Essa é uma compreensão que tenta superar a concepção tradicional dos problemas escolares os alunos são desvalorizados no contexto escolar e na sua aprendizagem com o mundo em que vive.

Se a criança manifesta dificuldades na aprendizagem, o educador não poderá ver essa criança como um ser que possui uma falha cognitiva, mas como privação de bem-estar emocional, que de certa forma lhe foi apresentado no seu ambiente familiar. Nessa circunstância é imprescindível saber como atuar e ter a certeza que a maneira como você age pode ser totalmente determinante e decisiva na vida desse aluno.

Assim, Dilts afirma: “O perigo de aprender a pensar sistematicamente é que o sistema usado pelo educador pode ser tão prejudicial para alguns tipos de processos quanto é vantajoso para outros”. (1999, p. 24).

É crescente o número de crianças que não tem o mesmo ritmo de aprendizagem proporcional a sua capacidade. Estas crianças não só apresentam dificuldades de adaptação à

escola e ao método de ensino, mas também, são suscetíveis a ser taxadas de perturbar o ambiente escolar e, possivelmente, prejudicar o rendimento e o bem-estar das outras. Nesse sentido, o educador deve se voltar para a formação individual desses educandos e procurando sempre saber que inteligência é até certo ponto, um patrimônio herdado dos pais e que cada criança possui um perfil heterogêneo com pontos fortes e fracos.

2.3. Dificuldades de aprendizagem e o fracasso escolar

O fracasso escolar é uma questão que abrange um campo complexo de problemas. Nesse sentido, pesquisadores investigam as causas que possam, de certa forma, justificar o mau rendimento escolar existente na educação relativo aos problemas de aprendizagem.

Acredita-se que o conhecimento do sujeito é constituído na interação com o seu meio, seja ele, familiar, escolar e até mesmo social e, que desse meio ele depende para se desenvolver como pessoa.

Sob essa ótica, Drouet, afirma: "a dificuldade de aprendizagem nas crianças ocorrem em virtude das diferentes potencialidades e herança genética da motivação do meio ambiente, cultural e social". (1999, p. 12).

Portanto, quando o meio é classificado como inadequado para um desenvolvimento sadio, o educando pode encontrar obstáculos que poderão ser superados à medida que ele encontra na família, na vida e em si próprio uma porta que permita entrar e construir uma nova aprendizagem. Embora seja difícil falar separadamente do educando, da família e da escola, pois todos juntos formam uma relação triangular.

Geralmente, alunos e professores conhecem as regras do convívio escolar, mas aos poucos é que compreendem a sua natureza, os modos e as razões pelas quais foram estabelecidas apesar de haver evolução dos estudos sobre o tema dificuldades de aprendizagem é sabido que a maioria das escolas e professores tem como modelo uma pedagogia tradicional.

Essas dificuldades devem ser consideradas como parte integrante no processo de ensino-aprendizagem que incide sobre uma grande variedade de aspectos relativos ao desempenho dos alunos, como aquisição de conceitos e domínio de aquisição e atitudes. É de suma importância que a sala de aula deixe de ter caráter competitivo, seletivo e discriminatório e passe a ocorrer continuamente, como parte integrante do processo de ensino aprendizagem. Nessa linha de pensamento Drouet afirma: "As diferenças individuais levam alguns indivíduos a serem mais lentos na aprendizagem, enquanto outros são mais rápidos". (1999, p.08).

Para tal fica evidente que os educandos trazem consigo saberes individuais que não podem limitar ou delimitar sua capacidade de apreender os conteúdos apresentados pelo educador e esse educador que vai fazer com que o aluno vá além de suas capacidades e consiga desenvolver habilidades que irão contribuir na sua formação como ser atuante.

CAPÍTULO III

3. REFLETINDO SOBRE AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA SALA DE AULA

Nesse capítulo destacamos a relação entre o educando e a sala de aula, proporcionando um melhor entendimento na a relação escola e as dificuldades de aprendizagem nas séries iniciais. Relação essa que pode fundamentar o entendimento dos alunos e a compreensão de informações sobre os elementos que fazem parte das dificuldades expostas pela aprendizagem.

3.1 O educando e a sala de aula como se dá essa relação

A partir da pesquisa observou-se que o nível de compreensão dos educandos com relação aos conteúdos expostos pelo educador no cotidiano da sala de aula está insatisfatório devido a um grupo de problemas que, na opinião deles, devem ser resolvidos com urgência. Sendo assim, constatou-se que esses problemas estão diretamente ligados a salas de aula super lotadas, que de forma direta atrapalha, e muito, no desenvolvimento do aprendizado como relata o Aluno “A” ao dizer: “A minha sala tem muito aluno, o barulho é grande e a professora grita muito” (sexo masculino, entrevista 15/10/2009).

Dessa maneira, o estudo mostra que os educandos estão conscientes das dificuldades encontradas para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem e sabem que essa mudança positiva, nesse processo, também pode e deve acontecer o mais rápido possível. O processo de ensino-aprendizagem não deve se deter apenas à sala de aula, mas sim, se estender na vida desses educandos no seu dia-a-dia, para assim, proporcionar uma sensação de progressão.

A escola deve trabalhar e caminhar junto com o corpo que a forma, afinal não se trata só de um prédio e sim, de um ambiente onde pessoas vão atuar e se relacionar de forma direta com outras. Nesse sentido, a escola deve trabalhar em conjunto e respeitar acima de tudo os educandos na sua individualidade, para esse pensamento é preciso saber que:

A escola compete o papel de orientar, tanto os professores como os pais, a respeito desses distúrbios de aprendizagem através de palestras, filmes e discussões com especialistas sempre buscando intervir de forma positiva na vida dos educandos. (DILTS, p.27, 1999).

Fica evidente que a origem social dos sujeitos reflete no processo de ensino-aprendizagem. Por isso, é importante acreditar que o ato de educar não é algo destinado a escola, professores e alunos, nesse contexto é necessário englobar a sociedade e entender que ela atua na vida de cada um. Como relata o Aluno “A” ao afirmar: “existe uma diferença entre o que vemos na sala e o que acontece lá fora depois que saímos”. (sexo masculino, entrevista).

Ao serem questionados sobre para que serve seu aprendizado e o que falta para as aulas serem mais envolventes e atrativas, os educandos elencaram inúmeras ações que podem transformar a sala de aula e o aprendizado mais eficaz como por exemplo: professores mais atuantes, aulas recreativas, os conteúdos voltados para temas atuais, um relacionamento professor-aluno mais amigável, no sentido de quebrar com essa imagem que o professor é o dono do saber e

o aluno mero receptor. É o que destaca o Aluno “A” quando afirma “A professora dá conteúdo chato, sem graça e grita muito, quando falo sobre internet ela briga”. (sexo masculino, entrevista).

Nessa perspectiva, pode-se constatar que qualquer instrumento pode causar entrave ou desentrave no andamento do desenvolvimento da aprendizagem dessa criança. Também é preciso considerar que os procedimentos no desenvolvimento cognitivo desse ser não esgotam as possibilidades de valorização dos alunos na prática escolar.

Sendo assim, a ação do professor precisa ser analisada a fim de obter concretização de mudança para a prática de suas ações em sala de aula, fazendo com que o aluno possa resgatar e atuar na perspectiva de aprender. O educador não pode apresentar para seus alunos diante de suas ações a sentença final de fracasso para mostrar que não houve aprendizagem.

É o professor em sala de aula que vai elaborar as formas de intervenção mais eficiente e adequada para garantir uma ação educativa efetivamente transformadora. Como mostra Dilts ao dizer:

Aprendemos por meio dos sentidos: — aprendemos vendo, ouvindo, sentindo coisas; aprendemos até mesmo cheirando e provando; apesar de na maior parte do tempo, esses dois últimos sentidos serem esquecidos. (p.27, 1999).

Nestes termos, convém ao educador conduzir uma aprendizagem centrada no aluno que deve considerar suas atitudes e interesses seus valores e suas habilidades, trata-se de um desenvolvimento de aprendizagem dinâmico, uma vez que esse deve adequar-se as mudanças que ocorrem no processo de formação dele, pressupondo muita serenidade, compromisso profissional desse educador para desenvolver técnicas no sucesso dos alunos.

Geralmente, educadores e educandos conhecem as regras do convívio escolar, mas poucos compreendem a sua natureza, os modos e as razões pelas quais foram estabelecidas. Apesar de tanta modernidade e evolução, nos métodos de ensino-aprendizagem são notórias as dificuldades que os alunos sentem na hora de pensar sobre um determinado assunto descartando nas disciplinas, ultrapassar a mera memorização de informações. Como afirma o Aluno B ao dizer: “É difícil dá opinião sobre as coisas porque eu sempre estudei e aprendi que é necessário colocar na prova o que eu decorei na matéria”. (sexo feminino, entrevista).

Além desses obstáculos citados pelos alunos, observou-se que existe também uma problemática que é o tempo de estudo fora da sala de aula, bem como, a diferença que existe entre os conteúdos apresentados pelo professor e a realidade de vida desses educandos.

Com relação ao resultado do aprendizado na escola a resposta dos alunos indica que esse aprendizado continua sendo valorizado apenas para realizar bem o ato da leitura e da escrita no âmbito cotidiano e não se estende a serem formadores de opiniões com posições e pensamentos diferentes nas tomadas de decisões.

A aprendizagem deve se dá de forma contínua, em que o sujeito possa valorizar sua ação cotidiana fora e dentro da sala de aula, valorizando o trabalho coletivo e o crescimento de cada aluno.

Contudo, é necessário que o aluno seja acompanhado na sua atividade de construir o conhecimento para assim a dificuldade de aprendizagem seja superada e o educador perceber se há necessidade de algum reforço para seu total desenvolvimento na aprendizagem. Para que isso aconteça, o educador deve ainda respeitar as diferenças individuais dos alunos. Isso porque, cada aluno tem seu ritmo próprio de aprendizagem, de aquisição de conhecimento. É notório que uma pessoa atendida de forma respeitosa com certeza desenvolve-se melhor. É preciso, portanto, que o educador procure desenvolver um processo educativo onde as diferenças sejam totalmente respeitadas. Para Dilts “Uma pressuposição muito importante da aprendizagem é a de que ela é um processo com múltiplos níveis”. (1999, p.25)

Nesse sentido, quando falamos do aprendizado na escola, os alunos em sua grande maioria respondem que precisa de uma melhoria na posição do educador no sentido de domínio de sala para assim direcionar a atenção de todos para as questões apresentadas no cotidiano escolar.

Os mesmos acrescentam que o educador deve direcionar o seu tempo na sala de aula com atividades envolventes como: apresentar sempre temas atuais nas aulas, promover debates, roda de conversas, valorizarem a participação dos alunos, e acima de tudo promover uma relação de respeito entre educador e educando e assim estarem mais estimulados a aprender. É o que relata o Aluno “C”, quando afirma:

Nós não aprendemos porque o barulho é grande, a professora não dá uma aula diferente e aí falamos sobre outras coisas, sem prestar atenção no que ela está dando, também ela não domina a sala, assim fica difícil de aprender. (sexo masculino, entrevista).

Com base nesse relato observou-se que muitas crianças fracassam no processo de aprendizagem porque, quando muito a escola conta, é com os professores que em sua maioria não estão preparados para resolver tal situação e nem contam com o apoio da própria escola nem da família, que todos sabem que é a base. Foi observado também que a atuação da sociedade na vida

dessas crianças às vezes às colocam em posições discriminatórias valorizando a posição social que as mesmas ocupam e pelo status dos pais.

Observou-se, ainda, que essas escolas precisam contar com a ajuda e apoio de outros profissionais como psicólogos, profissionais da área de saúde no sentido de junto com os professores fazer um diagnóstico dos principais problemas de aprendizagem e suas dificuldades, sobretudo nas series iniciais que é quando realmente plantamos a base desses educandos. Na concepção de Dilts (1999) “A escola compete o papel de orientar, tanto os professores, os pais, a respeito desses distúrbios de aprendizagem através de palestras, filmes e discussões com especialistas”.

Fica evidente que a origem social dos sujeitos reflete no processo de ensino-aprendizagem, não porque uns saibam mais do que outros, mas sim, por terem tido oportunidades diferentes.

Portanto, a ação do professor precisa ser analisada por ele mesmo, a fim de obter orientações precisas para uma nova prática de suas ações em sala de aula, para que o aluno possa aproveitar a oportunidade de aprender antes que o professor apareça com a sentença final de fracasso, ou antes, que se leve muito tempo para descobrir que não houve aprendizagem suposta ou esperada.

CAPÍTULO IV

4. ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A VIVÊNCIA ESCOLAR

Nesse capítulo apresenta-se uma análise do estágio supervisionado na interface com a vivência escolar, as contribuições dele na vida acadêmica e profissional, apresenta-se ainda a importância da relação entre planejamento de aula e atuação do professor na mesma, onde inclui modelos de atividades criativas e envolventes para os alunos.

4.1 Contribuições do estágio supervisionado em docência e para minha vida acadêmica e profissional

O estágio supervisionado em docência contribuiu de maneira concretizada em nossos estudos acadêmicos, nos permitindo assim, uma atuação na área do conhecimento teórico e prático. Com a realização do estágio pudemos perceber, de forma clara, que a teoria e a prática são saberes que embora considerados distintos por alguns educadores apresentem ao mesmo tempo ações positivas na atuação do professor na sala de aula. Nesse sentido, compreendemos que para ser um bom profissional não basta está ligado nos acontecimentos do momento, mas sim aprimorar e lapidar o meu conhecimento.

Portanto, no estágio dos cursos de formação de professores, compete possibilitar que os futuros professores compreendam a complexidade das práticas institucionais e das ações aí praticadas por seus profissionais como alternativas no preparo para sua inserção profissional. (PIMENTA; LIMA, 2008, p.43).

Durante o período do estágio muita coisa foi acontecendo e entre elas o que mais nos chamou a atenção foi quando nos pegamos refletindo sobre a nossa própria prática pedagógica entendemos que nossas aulas poderiam ser mais atuantes e que os nossos alunos queriam e podiam mais, nesse momento lá estávamos nós diante dos alunos cheios de vontade, mas vendo obstáculos onde não existia, pois percebemos que é possível melhorar, basta simplesmente não se acomodar naquilo que se faz. Diante disso no tocante a contribuição do estágio na nossa vida profissional, podemos afirmar que foram muito proveitosos, e fundamentais os dias que tivemos de experiência como docente e estagiário.

4.2 Contribuições das atividades apresentadas no estágio supervisionado

Durante o período do estágio nos reportamos aos livros didáticos para elaborar os nossos planos de aula, produzindo assim um portfólio que nos foi muito útil no desenvolvimento desse trabalho, no final de cada aula nos reportávamos ao diário de campo para registrar ali tudo o que acontecia na sala de aula, pois sabíamos que mais a diante o portfólio e o diário de campo seriam fontes de pesquisa entre o objeto de estudo, procurando subsídio em Minayo, quando afirma:

[...] O diário de campo é, na verdade, um amigo silencioso que não pode ser subestimado quanto a sua importância. Nele diariamente podemos colocar nossas percepções, angústias, questionamentos e informações que não são obtidas através da utilização de outras técnicas. (p.63 1994).

Assim percebemos que o diário de campo vai nos subsidiar na problemática para entender as dificuldades de aprendizagem e nos nortear no sentido da melhora. No tocante, as atividades podemos perceber que os alunos gostaram e se envolveram na tentativa de realizar, com sucesso o que se pedia, entre elas destacamos as seguintes:

O buraco do tatu

Sérgio Caparelli

*O tatu cava um buraco
À procura de uma lebre.
Quando sai pra se coçar,
Já está em Porto Alegre.*

*O tatu cava um buraco,
E fura a terra com gata,
Quando sai pra respirar,
Já está em Copacabana.*

*O tatu cava um buraco
E retira a terra aos montes,
Quando sai pra beber água,
Já está em Belo Horizonte.*

*O tatu cava um buraco,
Dia e noite, noite e dia,
Quando sai pra descansar,
Já está lá na Bahia.*

*O tatu cava um buraco,
Tira terra, muita terra,
Quando sai por falta de ar,
Já está na Inglaterra.*

*O tatu cava um buraco
E some dentro do chão,
Quando sai para respirar,
Já está lá no Japão.*

*O tatu cava um buraco,
Com as garras muito fortes,
Quando quer se refrescar,
Já está lá no Polo Norte.*

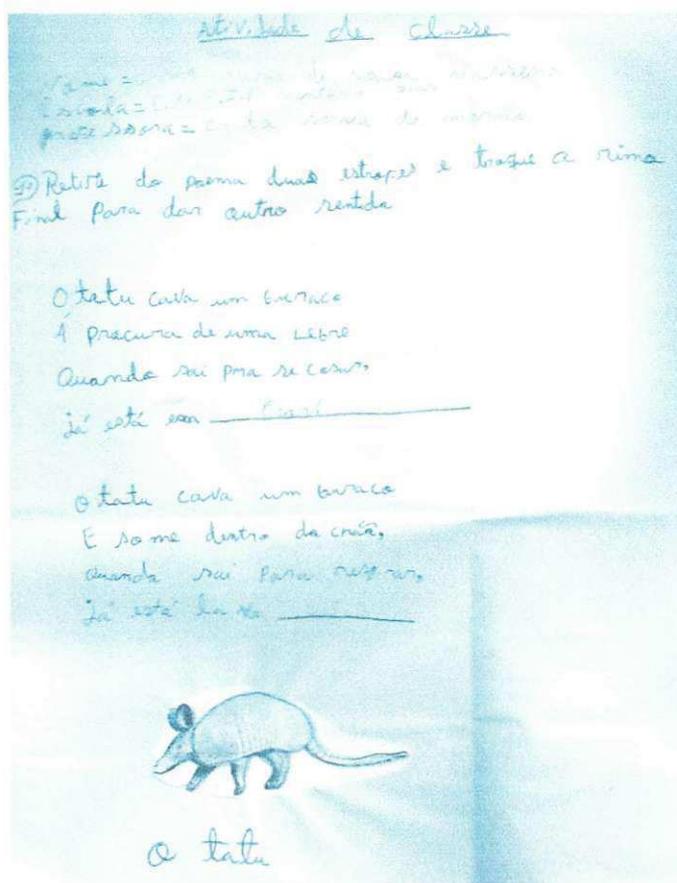
*O tatu cava um buraco,
Um buraco muito fundo,
Quando sai pra descansar,
Já está no fim do mundo.*

*O tatu cava um buraco,
Perde o fôlego, geme, suja,
Quando quer voltar atrás,
Leva um susto, está na Lua.*

111 poemas para crianças,
Porto Alegre: L&PM, 2006.



Imagem 1 – Texto sobre a poesia
Fonte – Portfólio.



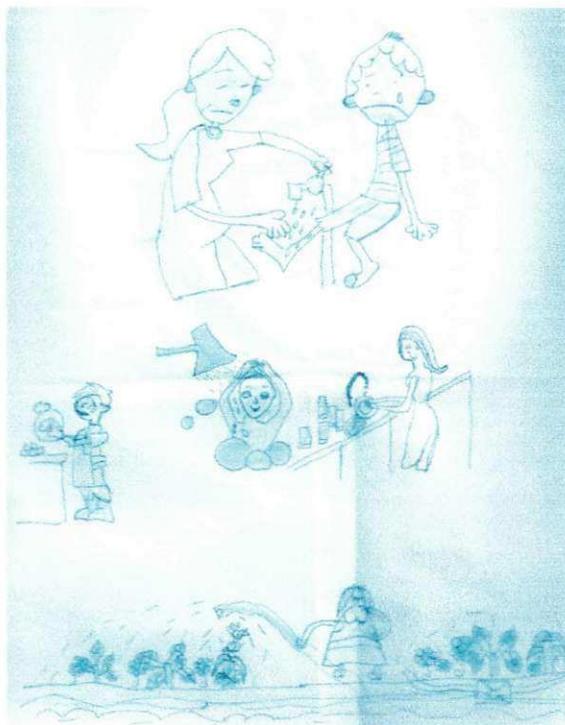
I Atividade produzida pelo aluno - Portfólio



A água na natureza sempre muda de estado.

- O calor do Sol aquece a água dos mares, oceanos, lagos, rios, plantas e animais. A água aquecida se transforma em vapor.
- O vapor de água sobe. Ele encontra camadas de ar mais frias e acontece a **condensação**, isto é, o vapor de água se transforma em gotinhas de água. As gotinhas de água se unem e formam as **nuvens**.
- Quando as nuvens ficam carregadas de gotinhas acontece a **precipitação**, isto é, as gotinhas caem em forma de **chuva**.
- Uma parte da água das chuvas penetra na terra. A outra parte vai para os rios, lagos e mares.
- O calor do Sol faz uma parte da água novamente evaporar.
- O ciclo da água na natureza está formado e tudo se repete.

Imagem II – Texto sobre o ciclo da água Fonte – Portfólio



II Atividade produzida pelo aluno - Portfólio

Embora essas atividades sejam de disciplinas diferentes, nas suas particularidade conseguiram envolver os alunos de forma surpreendente, foi ai que percebemos que eles não tinham preguiça de ler, como pensávamos, e sim estávamos os tornando preguiçosos apresentando textos cansativos, ou seja, distante da realidade dos mesmos.

A aula de português com o poema do tatu foi um sucesso, porque o animal faz parte da realidade deles e as rimas também, de imediato eles elogiaram a aula e pediram outras iguais aquela. Com a atividade de Ciências não foi diferente, todos ficaram encantados em saber explicar o ciclo da água para seus pais, e se sentiram incentivados a realizar a atividade mostrando a utilidade da água no dia a dia.

4.3. Interação dos alunos no estágio supervisionado

Durante o período do estágio o comportamento e a atuação dos alunos chamaram-nos atenção, isso porque percebemos eles mais empenhados e integrados a aula. Uma relação gostosa

e envolvente, tínhamos mais prazer em dar aula e eles mais prazer em participar. A mudança comportamental foi notória, então refletimos sobre as seguintes questões:

-Será que enquanto professora, estamos nos empenhando para dar uma boa aula?

-Enquanto profissionais nos preocupamos em valorizar o conhecimento prévio dos nossos alunos?

3-Estamos refletindo sobre a nossa prática de ensino e a relevância que ela tem na formação desses educandos?

Foram questionamentos que apareceram após a nossa atuação no estágio supervisionado e que nos levaram a rever nossa prática, enquanto educadores e para assim colocar em prática. Essa mudança que pode ser considerada muito positiva. Dessa forma podemos perceber também, que uma aula bem elaborada rende muito mais, os alunos se encantam e aprendem, realmente, aquele conteúdo apresentado. Com isso o interesse muda a eficácia no aprendizado aparece e o educador se sente mais seguro para atuar em meio a eles, como nos afirma Minayo na sua fala: “Outra articulação necessária se refere à interação entre o pesquisador e os autores sociais envolvidos no trabalho. Nesse processo mesmo partindo de planos desiguais, ambas as partes buscam uma compreensão mútua. (p.62, 1994).”.

Tomando como partida a relação professor/aluno, fica evidente que esse é um eixo importantíssimo dentro de qualquer trabalho, nada pode atuar bem dentro de um determinado estudo ou pesquisa se a pessoa e o objeto de estudo não conseguem se relacionar na troca de saberes. Nesse sentido a relação entre nós e os nossos alunos estava sendo afetada pelo cotidiano escolar e só percebemos isso quando estávamos no estágio, quando proporcionamos aulas bem elaboradas e voltadas para a realidade do alunado.

Tivemos a pretensão em promover uma reflexão mais aprofundada em torno da temática “Dificuldades de aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental”, através do estágio supervisionado tomando como base teórica os autores citados no decorrer do primeiro, segundo e terceiro capítulo.

Destacamos, portanto, o papel da interação na aprendizagem (aluno- escola- professor) e entendemos que essa interação pode ser vista muitas vezes como indicador do sucesso ou fracasso escolar do aluno nas atividades escolares, desse modo às estratégias de ensino deve favorecer a interação (professor-aluno) no processo de ensino-aprendizagem para se constituir uma aprendizagem sem eixos problemáticos e conseguir superar as dificuldades de aprendizagem existentes no campo escolar. Nesse sentido, é preciso refletir sobre o seguinte: O que está sendo

ensinado a essas crianças, para que os conteúdos estão sendo apresentados e ainda nessa perspectiva tornar claro que o papel do educador é promover o desenvolvimento integral do aluno, mas para tanto é preciso que o professor torne-se um sujeito mediador.

O estágio supervisionado trouxe uma contribuição muito positiva para a nossa formação acadêmica, e ao nosso entender, é uma etapa fundamental na vida de qualquer educando, que busca um lugar no tão competitivo mercado de trabalho. Ele serve de alicerce entre a teoria e a prática e é com ele que conseguimos atingir o melhor para nossa vida profissional.

Sem a vivência do estágio supervisionado seria impossível optar pela atuação enquanto professor ou não na sala de aula.

De um modo geral o referido estágio deve e tem que ser vivido para assim o aluno poder de fato entender sua profissão e optar pela melhoria de sua atuação enquanto professor.

Percebemos também durante esse período que o professor deve está sempre refletindo sobre as responsabilidades que envolvem o exercício da docência. Esse profissional deve ser acima de tudo: dinâmico, tolerante, amoroso, emocionalmente e equilibrado, isso é fundamental para não se tornar autoritário e nem perder a autoridade diante de seus alunos.

Hoje, acreditamos que uma educação de qualidade é possível sim, isso se for baseado numa relação de respeito entre os sujeitos envolvidos no processo ensino-aprendizagem. “Planejar melhor minhas aulas me deixou muito feliz e me levou a refletir sobre que tipo de aula eu estou dando para meus alunos e que tipo de cidadão eu estou formando. (DIÁRIO DE CAMPO, 01-09-2010)”.

Partindo dessa afirmativa concretizamos nossos pensamentos sobre a fundamental importância de se ter professores mais preparados e dispostos para a mudança de hábitos relacionados à maneira de apresentar suas aulas.

CONCLUSÃO

A temática dificuldades de aprendizagem é uma questão que precisa ser tratada com muito critério, uma vêz que podemos perceber, ao longo desse estudo, que muitas lutas vem sendo assumidas por educadores e educandos na perspectiva de solucionar o problema que se volta para a aprendizagem e desenvolvimento cognitivo dos alunos. No campo escolar há uma preocupação em solucionar tais problemas com o intuito de corrigir a distorção idade-série nas séries iniciais, visando oferecer ao aluno uma escola mais dinâmica, interessante onde cada um possa redescobrir o prazer do aprender de forma mais intensa e envolvente. Dentro de uma pedagogia na qual o sucesso do aluno acontece dia-a-dia e não apenas em um determinado momento estipulado pelo educador, em que ele possa adquirir habilidades importantes para enfrentar diferentes situações cotidianas proporcionando a esse aluno verificar o seu progresso e perceber o seu sucesso a cada dia.

Essa nova perspectiva de melhorar a aprendizagem exige que todo corpo da escola faça com que o educando seja sujeito do seu próprio desenvolvimento e esteja inserido no contexto de sua realidade social e política. Nessa dimensão educativa o erro e as dificuldades de aprendizagem dos alunos devem ser considerados e impulsionados para um salto em direção a uma vida consciente, sadia e feliz.

Geralmente nós educadores, procuramos formar os nossos alunos com uma cultura classificatória, como foi feito conosco, no decorrer da nossa vida estudantil e esquecemos-nos de desenvolver na criança uma aprendizagem real onde a postura ética e a responsabilidade que devemos assumir é de valorizar na sala de aula principalmente o educando e o seu processo de ensino-aprendizagem. Ao final desse trabalho foi possível constatar o alcance de alguns objetivos propostos inicialmente. Um deles foi o aprofundamento de uma reflexão sobre o que leva os alunos das séries iniciais não conseguirem apreender os conteúdos apresentados pelo professor na sala de aula.

Vale ressaltar que não podemos apenas apresentar “culpados” pelas mazelas que existem na educação, mas atribuir responsabilidades que são necessárias para a solução desse problema. Então conhecer as dificuldades relacionadas a essa problemática foi bastante proveitoso.

Portanto, no decorrer da realização do estágio profundas reflexões sobre nossas metodologias em sala de aula, nos fizeram modificar, possivelmente, nossa atuação como docente, na qual, reflexões sobre as dificuldades da aprendizagem nas séries iniciais, nos levaram a querer

levaram a querer colocar um fim aos problemas que atingem, de forma direta, geral ou generalizada à aprendizagem. Sendo assim, esperamos que este trabalho possa contribuir de forma positiva para quem deseja sempre está estudando, pesquisando, avaliando e reavaliando a sua prática educativa.

REFERÊNCIAS

DILTS, Robert. **Aprendizagem dinâmica 1**. São Paulo: Summus, 1999.

DROUET, Ruth C. da Rocha. **Distúrbios da Aprendizagem** 1999. editora Ática.

FONTES DOCUMENTAIS: **Portfólio** - Arquivo dos Planos de Aula e das atividades utilizadas no estágio, São João do Rio do Peixe – PB, 23 de agosto a 20 de setembro 2010.
Diário de Campo. São João do Rio do Peixe – PB, 23 de agosto a 20 de setembro 2010.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.) et. al. - **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

NOT, Louis. **Ensinando a aprender: elementos de psicodidática geral**. São Paulo: Summus, 1993.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucema. **Estágio e docência**. Revisão técnica José Cerchi Fusari. – 3. ed. – São Paulo: Cortez, 2008.- (Coleção docência em formação. Série saberes pedagógicos)

SEVERINO Antônio Severino, 1941 — **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2002.